

Análise dos movimentos retóricos no gênero tira: contribuições para o ensino de língua materna/portuguesa

Letícia Picanço Carneiro¹ e Rosivaldo Gomes²

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Francês, da Universidade Federal do Amapá. Bolsista Voluntária de Iniciação Científica pelo Departamento de Pesquisa da UNIFAP, Brasil. E-mail: leticia.picanco@hotmail.com

² Doutorando em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas/IEL-UNICAMP, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas e Graduado em Letras Português e Literatura pela Universidade Federal do Amapá. Professor do Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade Federal do Amapá, Brasil. E-mail: rosivaldo@unifap.br

RESUMO: Neste artigo, propomo-nos apresentar, com base em dados coletado de um projeto de pesquisa de iniciação científica, uma discussão sobre a organização retórica do gênero tira. Para isso, selecionamos, a partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa, um *corpus* composto por 17 análises feitas por alunos do 9º ano do Ensino fundamental participantes do projeto. Como referencial teórico e metodológico, utilizamos autores que embasam suas análises na abordagem sociorretórica de gêneros e na concepção de gênero com ação social ou fatos sociais e na teoria de Análise de Gêneros e movimentos retóricos ([SWALES, 1990](#)) e também as discussões de [Catto e Hendges \(2010\)](#) sobre a organização retórica do gênero tira e os trabalhos de [Ramos \(2009\)](#) e [Mendonça \(2010\)](#) sobre o gênero tira. As análises evidenciam que os alunos reconhecem a identificação dos sistemas semióticos que exercem função retórica na construção de sentidos do texto em relação às realidades sociais presentes nos mesmos. Os resultados obtidos apontam ainda para o desenvolvimento de capacidades de leitura, análise e crítica aos aspectos visuais e linguísticos que se relacionam aos sentidos subjacentes aos textos desse gênero, demonstrando a compreensão dos alunos sobre o princípio da relação entre formas e contextos, de modo que se evidenciem os efeitos ideológicos presentes no gênero.

Palavras-chave: Gênero. Tira. Organização retórica.

Analysis of movements in cartoon rhetorical genre: contributions to the language teaching mother / Portuguese

ABSTRACT: In this article, we propose to present, based on data collected from a scientific initiation research project, a discussion of the rhetorical organization of gender cartoon. To do this, we select, from a quantitative and qualitative approach, a body composed of 17 analyzes made by students of the 9th grade of elementary school project participants. The theoretical and methodological framework, we use authors that support their analysis in sociorretórica approach of genres and gender design with social action or social facts and Gender Analysis theory and rhetorical movements ([Swales, 1990](#)) and also the discussions and [Catto & Hendges \(2010\)](#) on the

rhetoical organization of gender strip and [Ramos \(2009\)](#) and [Mendonça \(2010\)](#) on gender cartoon. The analyzes show that students recognize the identification of semiotic systems performing rhetorical function in the construction of the text directions in relation to social realities present in them. The results also point to the development of reading skills, analysis and criticism of visual and linguistic aspects that relate to the senses underlying the texts of this kind, demonstrating the students' understanding of the principle of the relationship between forms and contexts, so that are apparent ideological effects present in the genre.

Keywords: Genre. Cartoon. Rhetoric organization.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de alguns resultados iniciais do Projeto de Pesquisa e de Iniciação Científica (IC): *Produção textual de gêneros discursivos no ensino fundamental por meio do modelo didático de consciência crítica de gêneros*¹, com o qual desenvolvemos um estudo acerca do ensino de gêneros em uma turma de 9º ano de uma escola pública da rede estadual da cidade de Macapá-AP. Embasando-nos em pressupostos teóricos e metodológicos do trabalho com ensino de gêneros na abordagem sociorretórica e na concepção de gênero com ação social ou fatos sociais ([MILLER, 1984](#); [BAZERMAN, 1994, 2005](#); [SWALES, 1990](#)), buscamos discutir de que modo essas concepções podem contribuir no trabalho com ensino de língua portuguesa que considere não apenas aspectos linguístico-textuais dos gêneros, mas que também permita ao aluno o reconhecimento de que os gêneros são eventos comunicativos em que ocorre a utilização da língua, numa determinada situação de discurso, envolvendo uma série de fatores sociais ([BAZERMAN, 2005](#)).

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar, a partir da abordagem sociorretórica, uma discussão sobre a organização retórica do gênero tira ([CATTO; HENDGES, 2010](#)). Como pressupostos metodológicos, utilizamos as abordagens qualitativa e quantitativa na análise do *corpus* composto por 17 análises feitas por alunos do 9º ano do Ensino fundamental participantes do projeto. Os dados foram coletados por meio do Modelo Didático de Consciência Crítica de Gênero², o qual prever a análise retórica e escrita de um gênero familiar dos alunos, sendo o gênero escolhido a tira.

Como referencial teórico e metodológico, utilizamos autores que embasam suas análises na abordagem sociorretórica de gêneros e na concepção de gênero com ação social ou fatos sociais ([MILLER, 1984](#); [BAZERMAN, 1994, 2005](#); [SWALES, 1990](#)); na teoria de Análise de Gêneros ([SWALES, 1990](#)), as discussões de [Catto e Hendges \(2010\)](#) sobre a organização retórica do gênero tira e os trabalhos de [Ramos \(2009\)](#), [Mendonça \(2010\)](#) e [Vergueiro \(2007\)](#) sobre o gênero tira.

¹ Subprojeto de IC vinculado ao projeto de pesquisa Recontextualização e Movimentos Retóricos na Construção de Gêneros discursivos, DPQ-UNIFAP-23125.002281/ 2013-57.

² Material Didático de autoria de Letícia Picanço Carneiro e Rosivaldo Gomes, produzido durante o desenvolvimento da pesquisa Recontextualização e Movimentos Retóricos na Construção de Gêneros Discursivos, DPQ-UNIFAP-23125.002281/2013-57

As análises evidenciam que os alunos reconhecem a identificação dos sistemas semióticos que exercem função retórica na construção de sentidos do texto em relação às realidades sociais presentes nos mesmos. Os resultados obtidos apontam ainda para o desenvolvimento de capacidades de leitura, análise e crítica aos aspectos visuais e linguísticos que se relacionam aos sentidos subjacentes aos textos desse gênero, demonstrando a compreensão dos alunos sobre o princípio da relação entre formas e contextos, de modo que se evidenciem os efeitos ideológicos presentes no gênero.

2 OS GÊNEROS TEXTUAIS E A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA

Inicialmente, antes de fazemos a apresentação da abordagem sociorretórica de gêneros, cabe destacar que a concepção de gênero assumida, neste trabalho, não nega a visão dialógica de linguagem apresentada por [Bakhtin \(1997\)](#). Todavia, como nosso foco recai sobre o ensino, optamos por utilizar autores que focam suas discussões sobre gêneros para esse fim específico, mas que consideram que, na constituição e no uso dos gêneros, estão envolvidos também aspectos enunciativos e socio-históricos.

Quando o assunto é produção e análise de textos não podemos negar que o ensino formal e sistemático da produção escrita ou composição de textos, como era denominado até o início do século XIX, em muito foi influenciado pelos princípios da retórica clássica que, tradicionalmente, eram tidos como formais e que melhor sistematizavam, pedagogicamente, a prática escolar. Entretanto, na segunda metade do século XX, quando importantes investigações e perspectivas que marcaram os estudos da

linguagem e do discurso se convergem, desencadeia-se a consolidação da concepção sociorretórica de gênero que amplia esse primeiro modo de produzir textos a partir de uma visão retórica muito estanque, passando a ocorrer o que ficou conhecido como a chamada virada retórica nos estudos disciplinares do discurso e do comportamento humano ([MAZZOTTI, 2007](#)).

De acordo com [Silva \(2008\)](#), o filósofo e crítico literário norte-americano Kenneth Burke contribuiu significativamente para o reaparecimento dessa disciplina nos estudos pós-estruturais da linguagem e do discurso e, conseqüentemente, para as reconceituações de gênero na perspectiva sociorretórica. No tocante ao trabalho com os gêneros textuais na abordagem sociorretórica, [Carolyn Miller \(1984\)](#) é uma das principais representantes dessa vertente. [Miller \(1984\)](#) propõe que a noção de gênero como ação social deve ser vista como uma reconceituação da concepção de gênero textual, pois os estudos anteriores aos trabalhos dessa autora consideravam principalmente a análise textual no que diz respeito às regularidades das formas de realização do gênero, isto é, quando tomado como objeto de estudo para análise, o gênero era discutido muito mais em seus aspectos linguísticos e estruturais do que em seus aspectos socioculturais. Nesse sentido, a autora argumenta que uma definição retórica de gênero não deve ser centrada na substância (conteúdo) ou na forma (estrutura), mas sim na ação que o gênero realiza socialmente.

[Miller \(1984\)](#) em seu artigo *Genre as Social Action*, rejeita os estudos que priorizavam as atividades classificatórias ou taxionômicas dos gêneros por serem estanques, estéticas e reducionistas e que atentavam

apenas para aspectos formais dos gêneros. Já na abordagem sociorretórica, a autora defende que o estudo dos gêneros deve ser baseado no estudo das convenções da prática retórica, isto é, nas ações que envolvem situação e motivo, já que “a ação humana, seja ela simbólica ou de outra forma só pode ser interpretável apenas contra um contexto de situação e através de atribuições de motivos” (MILLER, 1984, p. 23).

Carvalho (2005) discute que importante nessa visão de gênero como ação social na obra de Miller, são os conceitos de recorrência e ação retórica. Devitt (2004) tomando também por base o trabalho seminal de Miller (1984) concebe o gênero como artefato sociocultural, caracterizando-o como uma ação social tipificada, ou seja, para essa autora, na abordagem sociorretórica o gênero é reconhecido a partir do momento em que há uma recorrência de situações nas quais ele ocorre e para os fins que serve.

No que diz respeito às implicações para o ensino, Miller (2009) defende que aprender gêneros não significa aprender um conjunto de formas ou simplesmente um modo de realizar nossos propósitos. Para ela, o que se aprende são os fins que podemos alcançar com essas formas e métodos, tais como elogiar, pedir desculpas, recomendar alguém ou alguma coisa, assumir um papel, explicar algo, etc. Ademais, aprender gêneros, segundo a autora, é útil para o aluno compreender como participar nas ações de uma comunidade.

Concebendo, portanto, os gêneros como ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes em determinadas culturas, Miller (1984) considera que na prática discursiva nós aprendemos a agir retoricamente por meio do uso de tipos de

discursos socialmente adequados aos vários contextos e circunstância da vida. Bazerman (1994) compartilhando com Miller (1984) da concepção de gênero como ação social, reconhece que,

Podemos chegar a uma compressão mais profunda de gêneros se os compreendemos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam (BAZERMAN, 2005, p. 31).

Bazerman (2005) defende ainda que os gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vista a seus propositivos práticos e sociais. Além de Bazerman (1994; 2005) e Miller (1984; 2009), a abordagem sociorretórica conta ainda com as contribuições de Swales e Najjar (1987) que propõem uma análise de gêneros – principalmente acadêmicos, mas que atualmente tem sido adaptada para outros campos discursivos – a partir de uma etnografia da escrita, isto é, busca evidenciar uma análise formal e discursiva de gêneros variados. Swales (1990), não muito diferente dos autores já citados anteriormente, defende que o gênero deve ser visto em seu contexto e não pode ser completamente entendido e interpretado apenas por meio de uma análise de seus elementos linguístico-gramaticais ou formais. Para esse autor,

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo. (SWALES, 1990, p. 58).

O autor argumenta ainda que a concepção de gênero adotada por ele origina-se do entrelaçamento de tradições de vários campos de estudo, mas que sofreu grande influência da linguística aplicada. [Hemais e Biasi-Rodrigues \(2005\)](#) destacam que a originalidade do trabalho de Swales está na integração proveitosa que o autor faz de diversas ideias emprestadas de tradições também diversas. [Swales \(1990\)](#) defende os gêneros teriam valor sociocultural na medida em que atendem às necessidades sociais e espirituais de diversos grupos sociais situados.

Assim, para [Swales \(1990\)](#) os gêneros podem ser entendidos como eventos comunicativos que se moldam a partir do propósito comunicativo dos sujeitos e dos contextos sociais. Nesse sentido, o objetivo da ação discursiva influi no modo como as pessoas vão construir e organizar seu discurso. Segundo [Hemais e Biasi-Rodrigues \(2005, p.118\)](#), Swales propõe abandonar a noção de propósito comunicativo como meio imediato “para a classificação dos gêneros, sugerindo que o analista deveria manter em mente que o a identificação do objetivo comunicativo do gênero está em função do resultado da análise textual e contextual”.

3 O MODELO CARS E A ANÁLISE DE GÊNEROS

Em sua obra seminal, *Aspects of article introductions*, [Swales \(1981\)](#) realiza a análise de 48 introduções de artigos científicos e, a partir disso, o autor desenvolveu uma descrição esquemática que encapsulava tais regularidades. Esse modelo, baseado em *moves* (em português, “movimentos retóricos”) foi denominado pelo autor de modelo CARS (*Create a Research Space*) e representa uma estrutura esquemática típica da introdução de artigos acadêmicos. O modelo CARS produzido por [Swales \(1981\)](#) aponta para uma regularidade de quatro movimentos (*moves*), sendo eles: movimento 1 - estabelecer o campo de pesquisa; movimento 2 - sumarizar pesquisas prévias; movimento 3 - preparar a presente pesquisa; movimento 4 - introduzir a presente pesquisa ([SWALES, 1981](#)).

Apresentando algumas dificuldades para a aplicação a representação esquemática de Swales, o modelo CARS passa a ser criticado e o autor reformula-o em 1990, reduzindo os quatro movimentos a três, porém acrescentando vários passos (*steps*) em cada um dos movimentos, como se pode observar no [Quadro 1](#) abaixo:

Quadro 1: Modelo CARS SWALES - Descrição da organização retórica da seção introdutória de artigos acadêmicos

Movimentos	Passos
Movimento 1 Estabelecendo um território	Passo 1 – Alegando centralidade e/ou
	Passo 2 – Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou
	Passo 3 – Revisando itens de pesquisas anteriores
Movimento 2 Estabelecendo um nicho	Passo 1A – Contra-argumentando ou
	Passo 1B – Indicando uma lacuna ou
	Passo 1C – Levantando questões

	namentos ou
	Passo 1D – Continuando uma tradição
Movimento 3	Passo 1A – Delineando os objetivos ou
Ocupando o nicho	Passo 1B – Anunciando a pesquisa
	Passo 2 – Anunciando os principais achados
	Passo 3 – Indicando a estrutura do artigo

Fonte: [Swales \(1990, p. 141\)](#).

Esse novo modelo de [Swales \(1990\)](#) propõe uma organização em dois níveis hierárquicos de informação: os movimentos (*moves*) e os passos (*steps*). Segundo [Motta-Roth \(1995\)](#), um movimento pode ser definido como um bloco de texto que pode se estender por mais de uma sentença, realizando uma função comunicativa específica. Conforme [Swales \(2004, p. 228\)](#), os movimentos retóricos são “unidades retóricas que executam funções comunicativas coerentes em discursos escritos ou orais”.

Com base em [Swales \(1990\)](#), [Motta-Roth \(1995\)](#) clarifica a noção de movimento retórico, quando aponta que,

um movimento consiste em uma estratégia usada pelo autor para atingir um dado objetivo em uma passagem do texto, um bloco de texto que pode se estender por mais de uma sentença, que realiza uma função comunicativa específica claramente definida e que, juntamente com outros movimentos, constitui a totalidade da estrutura informacional que deve estar presente no texto para que esse possa ser reconhecido como um exemplar de um dado gênero textual. Cada movimento representa um estágio no desenvolvimento da estrutura total da informação. ([MOTTA-ROTH, 1995, p. 47](#))

Para a realização de cada movimento há estratégias retóricas diversas, mecanismos linguísticos que o escritor pode escolher para realizar o propósito comunicativo do movimento dentro do texto como um todo. Esses mecanismos de realização do movimento foram nomeados por [Swales \(1990, 2004\)](#) de *steps*. Alguns pesquisadores atuais têm ampliando a aplicação desse modelo para análise de gêneros não acadêmicos, como por exemplo, [Catto e Hendges \(2010\)](#) que fazem a análise dos movimentos retóricos existente na organização de exemplares do gênero tira; o trabalho de [Lovato \(2009\)](#) que fez um estudo de Movimentos e passos retóricos canônicos em notícias de popularização da ciência da revista Ciência Hoje online. Mesmo ainda limitados somente a análise da estrutura e não para o ensino, esses trabalhos mostram a potencialidade de trabalhar com a abordagem sociorretórica e com movimentos retóricos para análise e para a produção de gêneros diversos.

4 GÊNERO TIRA

As práticas de leitura e escrita são, hoje, pautadas nos usos reais da linguagem, o que demonstra a inserção de contextos sociais ao ensino de língua materna, de modo que as ações exercidas em sociedade sejam abordadas em sala de aula. Esse caráter sociocultural da linguagem adotado concretiza-se por meio de gêneros discursivos diversos, sendo que esses cultivam os motivos sociais para agir e nos informam sobre as situações de comunicação e modos de agir em determinada cultura. Acerca disso, [Bazerman \(2006, p. 23\)](#) comenta que os gêneros “são molduras para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gê-

neros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos”.

Como resultados de ações sociais de linguagem, os gêneros discursivos permitem a organização, construção e compreensão dos enunciados, que por sua vez, materializam nos usos da língua, sendo compreendidos como unidades concretas e reais da comunicação discursiva. Como objeto de ensino, os gêneros refletem as práticas sociais em função do domínio dos mais variados padrões da língua, sendo ela oral ou escrita, como também a análise e a avaliação crítica de diversos discursos e o reconhecimento e valorização das variedades linguísticas da língua, além de conceber a linguagem como um instrumento de interação social.

Nesse sentido, o gênero tira ou Tirinha, como é mais conhecido, se insere no hiper-gênero Quadrinhos ([RAMOS, 2009](#)), o qual agrupa outros gêneros por suas similaridades estruturais e discursivas, dentre eles o Cartum, a Charge e a HQ. A tira, segundo [Mendonça \(2010\)](#) é um tipo de HQ, porém, sintética em que a narrativa se desenvolve em um número reduzido de quadros, podendo essa ser sequencial (sequências de capítulos de uma narrativa maior) ou fechada (um episódio específico por edição).

O domínio discursivo ao qual o gênero tira se enquadra é o jornalístico, pois encontra-se principalmente em jornais, revistas e gibis, mas atualmente pode ser visualizado também em outros espaços midiáticos, como na internet. A temática desse gênero é bem diversificada, sendo determinada pelo público alvo e pelo veículo de difusão em que se encontra. Dentre as temáticas, podemos destacar as de cunho político e social, há ainda as de caráter humorístico, como

também tiras que abordam situações cotidianas ou próprias dos leitores em potencial.

A tipologia predominante, como aponta [Mendonça \(2010\)](#), é a narrativa, visto que há a predominância dessa sequência por conta da progressão temporal organizada quadro a quadro, contudo, podemos encontrar também características de outras tipologias como a dialogal, argumentativa e injuntiva. O público alvo a quem são destinadas as tiras também é bastante diversificado, com temáticas e personagens relacionadas aos interesses de cada público leitor.

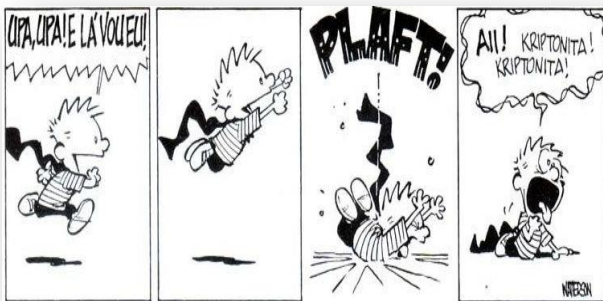
Quanto à estrutura composicional do gênero, [Ramos \(2009\)](#) aponta que a sequência narrativa está organizada em quadros dispostos horizontalmente em que cada quadro contém uma parte da ação. A linguagem inclui além do texto verbal, elementos não verbais, tais como: a imagem dos personagens e cenário, balões variados que expressam os pensamentos, sentimentos e falas das personagens, as fontes e tamanhos das letras, expressões faciais das personagens e expressões de movimento. As duas linguagens que compõem o gênero tira, a não verbal (imagens) e a verbal (as palavras), se combinam para dar sentido ao texto. Nesse gênero é indispensável os elementos não verbais, já que as tiras podem existir sem o texto verbal, mas nunca sem imagens, o que o caracteriza também um gênero multimodal.

Dentre os recursos não verbais, podemos evidenciar os requadros ou vinhetas que são os quadros que delimitam cada ação da história, de forma que tornam-se uma espécie de “moldura” para cada cena. Sua forma ou ausência pode ser proposital, e pode influenciar ou não na leitura da tira, dependendo das intenções do autor. A or-

dem e disposição de cada requadro determina o sentido da leitura, no qual o conjunto deles, denominado sequência ou montagem, é o que compõem a narrativa.

Segundo [Ramos \(2009\)](#) os balões são os principais recursos presentes nas tiras, o que os tornou uma das marcas características desse gênero. Eles demonstram não só as falas das personagens, mas também seus pensamentos e sentimentos, e ainda contribuem para enfatizar as ações das personagens. A diversidade de funções dos balões é compreendida por meio de efeitos variados em seus contornos ou pela ausência deles. Nesse sentido, os balões assumem a forma e teor do que expressam, mudando seu formato para incorporar o nível, o tom e o conteúdo do texto ou imagem do personagem que fala, como no exemplo da [Figura 1](#) abaixo.

Figura 01 - Balões diversos



Fonte: <www.cantinhodocalvin.blogspot.com>

Outro recurso visual também explorado nas tiras são as metáforas visuais, as quais são representadas por imagens que substituem certas palavras e indicam um sentimento ou acontecimento. As expressões faciais dos personagens são uma referência nos textos e orientam o rumo da narrativa, sendo que parte dos elementos de ação é transmitida pelos rostos e movimento das personagens. Vale ressaltar que a noção de movimentos pode ser percebida de duas

formas, conforme aponta [Ramos \(2009\)](#): por convenções gráficas, denominados linhas cinéticas e pelo próprio corpo da personagem que pode ser desenhado várias vezes apresentando diferentes etapas da ação.

No que concerne à linguagem verbal, percebemos aspectos da oralidade que simulam uma conversação, na qual os balões representam os turnos da fala que de acordo com [Koch e Elias \(2011\)](#) são as contribuições dadas por cada participante no momento de conversação. O letreçamento representa os diferentes tipos de letras, tamanhos e estilos, e refletem a natureza e a emoção das falas dos personagens.

Os sons nas tiras – elementos importantes também na construção de sentidos para esse gênero – são representados de duas formas pelos elementos paralinguísticos que indicam sons que acompanham a fala e são produzidos pelas personagens como o choro, suspiros, risos etc, como também pelas onomatopeias, isto é, palavras que representam os sons e ruídos nas tiras, sendo que com o uso dessas palavras são exploradas cores, formas e espessuras a fim de que se obtenha um efeito expressivo maior como evidencia [Akahoshi \(2012\)](#).

O ruído nos quadrinhos, muitas vezes, é mais visual do que sonoro, pois os desenhistas exploram a espessura, a forma, a cor dos fonemas que o constituem a fim de conseguirem um efeito expressivo maior. Uma boa **onomatopeia** é de vital importância nas histórias em quadrinhos, pois atinge juntamente com a imagem uma grande área de significação, criando efeitos expressivos de consumo rápido e intensa comunicação. ([AKAHOSHI 2012, p. 7](#))

Dentre os recursos linguísticos possíveis de serem explorados nas tiras, as figuras de linguagem são destaque, principalmente, no trabalho em sala de aula, pois essas têm o objetivo de ampliar o sentido do texto, tornando-o assim mais expressivo. São empregadas para expressar situações, fatos e pensamentos envolvidos no texto de uma forma diferente e original, o que permite o leitor observar o texto sob uma visão mais crítica, valorizando assim o texto e as intenções do autor.

A organização retórica do gênero tira está associada à observação da linguagem verbal e não verbal presentes no mesmo, sendo assim, possível a partir dessas, definir as ações e os elementos discursivos, em função de cada movimento retórico dispostos nas vinhetas. De acordo com [Catto e Hendges \(2010\)](#) o gênero tira está organizado em três movimentos retóricos básicos: situação, conflito e resposta inesperada; e dois movimentos opcionais: autoria e localização temporal. A organização retórica do gênero, proposta pelos autores [Catto e Hendges \(2010\)](#), é a base de discussão e crítica aos movimentos retóricos dos exemplares analisados pelos alunos, como será apresentado na seção seguinte.

5 ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO TIRA

A discussão dos dados embasa-se em um *corpus* composto por 17 análises feitas por alunos do 9º ano do Ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá, de exemplares do gênero tira. Este estudo desenvolveu-se por meio do Modelo Didático de Consciência Crítica de Gênero que prevê a análise retórica e escrita de um gênero familiar dos alunos, sendo o gênero escolhido a tira.

Cada análise apresenta um exemplar diferente do gênero de diversos quadrinistas, com fontes da internet, com o objetivo de proporcionar o acesso a um número maior de textos do gênero e consequentemente, uma discussão mais ampla acerca da sua variedade discursiva por parte dos alunos.

Nesse sentido, o [Quadro 02](#) apresenta as categorias de análises adotadas nesta pesquisa, cuja descrição e discussão baseiam-se na adaptação da organização retórica do gênero tira proposta por Catto e Hendges (2010).

Quadro 02 - Organização retórica do gênero tira

Movimento 1: Situação	Função 1	Apresentar os personagens
	Função 2	Apresentar o cenário
	Função 3	Apresentar o evento
Movimento 2: Conflito	Função 4	Provocar expectativa
Movimento 3: Resposta inesperada	Função 5	Produzir o humor ou reflexão
Movimento 4: Autoria	Função 6	Assinatura do quadrinista
Movimento 5: Localização temporal	Função 7	Data de publicação

Fonte: Adaptada de [Catto e Hendges \(2010\)](#).

Sobre o primeiro movimento retórico (apresentação da Situação) considera-se a apresentação dos participantes da ação (personagens) e sobre o que está acontecendo (evento), situando ainda o leitor sobre onde e quando ocorre (cenário) a ação. Para esse movimento, tem-se como principal referência os elementos não verbais, porém como explicam [Catto e Hendges \(2010, p. 11\)](#) “as marcas linguísticas explícitas da linguagem verbal identificam mais diretamente o *quem* e o *o quê* da situação, com referência a nomes de personagens

(quem)”, dessa forma os recursos verbais também podem auxiliar na identificação dessas informações.

O movimento dois concerne ao Conflito do gênero que se caracteriza como uma situação curiosa que cria uma expectativa endereçada ao leitor por meio de um questionamento, uma ação, reclamação ou reflexão das personagens, podendo ainda ser expressa por expressões faciais e onomatopéias. Podemos, portanto, dizer que esse movimento consiste no clímax da narrativa.

A Resposta inesperada consiste no terceiro movimento convencional da tira, sendo responsável por produzir o humor ou reflexão por meio de um encerramento diferente ou inusitado em relação à sequência de eventos apresentados no decorrer da tira. É um argumento, resposta ou ação da personagem que não está de acordo com aquela esperada pelo leitor diante da expectativa criada. Os dois últimos movimentos a Autoria e Localização Temporal são movimentos opcionais e se referem, respectivamente, à assinatura do quadrinista e a data quando a tira foi publicada.

Para análise inicial, a [Tabela 1](#) abaixo, constitui-se na quantificação da recorrência da identificação dos movimentos retóricos observados nas 17 análises produzidas pelos alunos do gênero.

Tabela 01 - Recorrência dos movimentos retóricos

Movimento 1: Situação	Função 1	17	100%
	Função 2	14	82%
	Função 3	17	100%
Movimento 2: Conflito	Função 4	10	58%
Movimento 3: Resposta inesperada	Função 5	13	76%
Movimento 4: Autoria	Função 6	15	88%
Movimento 5: Localização temporal	Função 7	7	41%

Fonte: Autoria própria.

Os dados demonstram que o primeiro movimento é o mais reconhecido pelos alunos, uma vez que as informações dispostas na apresentação da situação são de fácil identificação, pois são apresentadas, principalmente pelas imagens. Contudo, a função 2 (dois) que diz respeito a apresentação do cenário, não foi identificada em todos os exemplares, o que corresponde a 82% das análises.

O Conflito, dentre os movimentos convencionais da tira, é o que apresenta menor recorrência nas análises, podendo ser explicado pelo fato de o movimento ser iniciado, simultaneamente, com outros movimentos ou de se apresentar de forma ambígua no texto, dificultando assim, sua identificação precisa, como exemplifica a [Figura 02](#) de uma tira do quadrinista Maurício de Souza.

Figura 02 - Movimento 02- Conflito



Fonte: <espacoeducar-liza.blogspot.com>

No exemplar acima, também analisado pelos alunos, podemos perceber as situações apontadas anteriormente, em que o conflito pode ser entendido como: o questionamento da personagem Mônica, sendo que esse movimento ocorreria juntamente com o movimento de apresentação da situação; ou a partir da fala do personagem Cebolinha. Com base nas formulações de [Catto e Hendges \(2010\)](#) em que no movimento de conflito, os elementos verbais estão relacionados com conotações negati-

vas, como também com elementos não verbais que indicam um evento indesejado ou situação problemática entre as personagens, sendo esses fatos mais perceptíveis na fala do Cebolinha no segundo quadro, apresentada em um balão sinuoso e com letreio em itálico, o que indica tom elevado da fala, bem como a expressão facial de raiva do personagem. Esse exemplo aponta ainda a possibilidade de ocorrência do movimento de conflito juntamente com o movimento da resposta inesperada, agregando assim as discussões de [Catto e Hendges \(2010\)](#) que previam a ocorrência simultânea somente com o movimento de Situação.

O movimento de resposta inesperada apresenta o percentual de 76%, uma vez que alguns alunos interpretam que essa resposta corresponde, exclusivamente, a última fala do personagem, porém, essa depende principalmente do contexto em que se insere como no exemplo seguinte do quadrinista Quino ([Figura 3](#)) em que esse movimento se dá na terceira vinheta.

Figura 03 - Movimento 03- Resposta Inesperada



Fonte: <cmeitortato.blogspot.com>

Os movimentos opcionais de autoria e localização temporal correspondem respectivamente, a 88% e 41%, sendo que o último não pôde ser identificado na maioria dos exemplares do gênero tira. As análises possibilitaram não só a quantificação dos

movimentos retóricos, mas também observar a capacidade de avaliação crítica a respeito dos textos por parte dos alunos, cuja discussão perpassou pelas relações socioculturais intrínsecas ao gênero, de forma que os discentes constroem a consciência crítica sobre as ideologias subjacentes aos textos. Para isso, foram selecionadas duas análises ([Fig. 4](#) e [Fig. 5](#)) a fim de demonstrar essa reflexão sobre alguns outros aspectos também abordados pelos discentes, sendo que os exemplares evidenciados possuem similaridades de tema, quadrinista e personagem.

Figura 04 - Análise Retórica Tira A

Movimento Retórico	Observações
MOVIMENTO 1: SITUAÇÃO	Apresentação dos personagens: Chico Bento, lenhador e as cinzeiras. Temos como cenário uma floresta de dia. Vagueia um lenhador e um lenhador querendo desmatar a floresta, sendo as cinzeiras.
MOVIMENTO 2: CONFLITO	É a hora que Chico faz quando ele vê o lenhador. Ele aponta com muita força para a placa.
MOVIMENTO 3: RESPOSTA INESPERADA OU CÔMICA	As cinzeiras riram com medo do lenhador, atrás da placa.
MOVIMENTO 4: AUTORIA	Autoria: Mauricio de Sousa.
MOVIMENTO 5: LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	Jun. 2000 Edição 6985
ANÁLISE CRÍTICA	Uma demonstração de que a placa tá proibido de caçar sendo que ele tá caçando. Comentei antes Chico Bento colocou aquela placa ali porque sabia que as cinzeiras não iam tão desmatar, que chega ao ponto de se caçar. O que nós achamos é que o Chico Bento tá lá caçando pois hoje em dia ninguém defende a natureza igual ao Chico Bento mesmo.

Fonte: Atividade Dos Alunos

Figura 05. Análise Retórica Tira B

Movimento Retórico	Observações
MOVIMENTO 1: SITUAÇÃO	Os personagens são dois amigos camponeses, Zé Lelé e Chico Bento, que são agricultores. Eles estão em um campo aberto no qual parte dele está desmatada. Chico Bento está plantando uma árvore e o Zé Lelé pergunta se ela é de alguma fruta.
MOVIMENTO 2: CONFLITO	O conflito acontece ao Zé Lelé fazer pergunta: "Ema oi? Vê se é di que? bi Jacai? bi Jeca? bi mangá?" Esperando que fosse de alguma fruta.
MOVIMENTO 3: RESPOSTA INESPERADA OU CÔMICA	A resposta inesperada acontece no segundo quadro quando o Chico Bento em resposta a pergunta de Zé Lelé diz "bi esperança" quando ele mostra uma floresta desmatada.
MOVIMENTO 4: AUTORIA	Maurício de Sousa.
MOVIMENTO 5: LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	Ano 2000 Ed. 6966
ANÁLISE CRÍTICA	A intenção do quadrinista é conscientizar o leitor sobre os problemas ambientais. Os personagens estão representados como amigos da natureza e da ideia de esperança em relação aos danos causados pelo homem.

Fonte: Atividade dos Alunos

Quanto ao primeiro movimento, percebemos, na identificação dos participantes do evento, o conhecimento prévio dos personagens, Chico Bento na tira A e Chico Bento e Zé Lelé na tira B, como protetores da natureza, sendo ainda reconhecida a função social dos mesmos na tira B como agricultores, tal fato demonstra que os alunos estabelecem relações entre os conhecimentos de mundo e os saberes linguístico-discursivos apreendidos por meio do estudo de gêneros.

A temática sobre o desmatamento é enfocada no texto A pela atitude da personagem em salvar a floresta, representada pela imagem das árvores amedrontadas e reunidas no canto direito, para isso, a personagem proíbe a "caça" das árvores com a fixa-

ção de uma placa a fim de protegê-las e observa o lenhador com expressão de raiva. No texto B a discussão se dá em função das intenções do quadrinista em conscientização sobre os problemas ambientais, caracterizados pelo cenário de floresta desmatada e pela tentativa da personagem em resgatá-la ao plantar uma planta "di esperança".

Em suma, as análises evidenciam a identificação dos sistemas semióticos que exercem função retórica na construção de sentidos do texto em relação às realidades sociais presentes nos mesmos. Os resultados obtidos apontam ainda para o desenvolvimento de capacidades de leitura, análise e crítica aos aspectos visuais e linguísticos que se relacionam aos sentidos subjacentes aos textos desse gênero, demonstrando a compreensão dos alunos sobre o princípio da relação entre formas e contextos, de modo que se evidenciem os efeitos ideológicos presentes no gênero.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo contribui, conforme [Bazerman \(2005\)](#), para compreensão de práticas de linguagem e também conhecimento das pessoas e situações, ao mesmo modo que essas práticas emergem e são aprendidas. O ensino da consciência crítica apresenta aos escritores novas formas de considerar os gêneros, apontando-lhes estratégias e conhecimentos sobre os meios "de como interpretar o que encontram, discernindo especialmente os elementos requeridos dos opcionais e a natureza retórica do gênero para compreender seu contexto e funções para seus usuários, a fim de evitar cópia formulaica de um modelo" ([DEVITT, 2009, p. 201](#)).

O processo de leitura e análise de textos pressupõe práticas de ensino contextualizadas, que situem o aluno quanto às atividades sociais que favorecem a compreensão e realização de ações produtivas de linguagem enquanto ação social, pois é por meio desse ensino que os discentes terão condições de reflexão sobre os modos de agir dentro da sociedade. É necessário ainda dar atenção à prática de leitura enquanto processo de interação entre indivíduos diante de diferentes contextos que se tipificam de acordo com a situação em que se inserem, considerando também a esfera social e propósitos dos indivíduos envolvidos.

Dessa maneira, o trabalho com o gênero tira na abordagem da sociorretórica e com os movimentos retóricos pode ser proveito para o ensino de língua portuguesa, pois possibilita um trabalho sistemático que contribui para a aprendizagem de leitura, análise e escritas de gêneros de forma mais profícua.

O uso do gênero tira se fortalece em sala de aula, à medida que os estudantes demonstram grande interesse pela leitura desses, principalmente pela proximidade dos personagens e temas com a realidade dos alunos.

As diversas possibilidades de comunicação, objetivos e temáticas presentes no gênero, demonstram o enriquecimento dos variados recursos de linguagem e no vocabulário dos alunos, além de auxiliarem o despertar pelo gosto da leitura. A tira, nesse sentido, promove ao leitor capacidades de pensar, imaginar e relacionar situações vivenciadas pelos personagens à sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

- AKAHOSHI, M. P. S. Gênero textual tira em sala de aula. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 02, p. 254-271, jul./dez. 2012.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1997. p. 279-326.
- BAZERMAN, C. Systems of Genres and the Enactment of social Intentions. In: REEDMAN, A; MEDWAY, P. **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 79-101.
- _____. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. Org.s, Trad. HOFFNAGEL, Judith Chambliss. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **Gêneros, Agência e Escrita**. Orgs. DIONÍZIO, A. P.; Trad. HOFFNAGEL, Judith Chambliss. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CARVALHO, G. de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH (Orgs.). **Gêneros, teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 130-149.
- CATTO, N. R; HENDGES, G. R. Análise de Gêneros Multimodais com Foco em Tiras em Quadrinho. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 13/2, p. 193-217, dez. 2010.
- DEVITT, A. J. **Writing Genres**. Carbondale: Southern Illinois UP, 2004.
- _____. Teaching Critical Genre Awareness. In: BAZERMAN, C; BONINI, A; FIGUEIREDO, D. (Orgs.). **Genre in a Changing World**. The WAC Clearinghouse. Fort Collins, <www.colostate.e-du>, Collins, 2009.
- DIONÍZIO, A. P; BAZERMAN, C. (Orgs.). **Gê-**

neros, agência e escrita. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HOFFNAGEL, J. C et al. (Orgs.). **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2005.

HEIMAS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John Swales para o estudo dos gêneros textuais. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LOVATO, C. S. Movimentos e passos retóricos canônicos em notícias de popularização da ciência da revista *Ciência Hoje* online. **Discursos de popularização da ciência.** Coleção HiperS@beres. Santa Maria: UFSM, v. 1, p. 80-89, nov. 2009.

MAZZOTTI, T. B. Virada Retórica. **Educação & Cultura Contemporânea,** Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p.77-104, 2º sem. 2007.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P. et al (Org.). **Gêneros textuais & ensino.** São Paulo: Parábola, 2010.

MLLER, C. R. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech.** Raleigh: NCSU, v 70, 1984. p. 151- 167.

_____. Comunidade retórica: a base cultural dos gêneros. In: MILLER, C. R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia.** Recife: PPGL-UFPE, 2009. p. 45-58.

MOTTA-ROTH, D. Book reviews and disciplinary discourses: Defining a genre. **Proceedings of the TESOL 29th Annual Convention & Exposition.** Long Beach, CA, USA, 1995. p. 383-398.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos.**

São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, A. R. A abordagem sócio-retórica de gêneros do discurso: o artigo de opinião no Ensino Médio. In: 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 2008, Maringá - PR. JIED - **Anais da 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso.** Maringá - PR: Editora Universitária - UEM, 2008. v. 1. p. 01-09.

SWALES, J. M. **Aspects of article introductions.** Birmingham, UK: The University of Aston, Language Studies Unit, 1981.

_____. **Genre analysis.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Research genres: exploration and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____; NAJJAR, H. The Writing of Research Article Introductions. **Written Communication,** v. 4, n. 2, p. 175-192, abr. 1987.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Artigo **recebido** em 10 de janeiro de 2015.

Avaliado em 11 de agosto de 2015.

Aceito em 07 de outubro de 2015.

Publicado em 16 de novembro de 2015.

Como citar este artigo (ABNT):

CARNEIRO, Letícia Picanço; GOMES, Rosivaldo. Análise dos movimentos retóricos no gênero tira: contribuições para o ensino de língua materna/portuguesa. **Estação Científica (UNIFAP),** Macapá, v. 5, n. 1, p. 85-98, jan./jun. 2015.